

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 26 No.2 2013 / Volume 27 No.1 2014

HOMENAGENS

ANA PAULA DE PAULA LOURES DE OLIVEIRA



Ana Paula de Paula Loures de Oliveira era graduada em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora, mestre em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (1994). Doutora em Antropologia Social pela Albert Ludwigs Universitat Freiburg - Alemanha (1999), teve sua tese de doutorado intitulada “Xipe Totec e a Festa de Tlacaxipehualiztli no Contexto Religioso Asteca”, reconhecida pelo Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, em 2002.

Realizou estágio pós-doutoral em Arqueologia pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro/ Universidade Federal do Rio de Janeiro e coordenou entre 1999 e 2010 o Museu de Arqueologia e Etnologia Americana da Universidade Federal de Juiz de Fora - MAEA/UFJF. Era professora adjunta do Departamento de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto, onde desenvolvia pesquisas em arqueologia pré-histórica, etnoarqueologia, etnohistória, patrimônio cultural e museologia.

Ana Paula tinha especial dedicação aos projetos de extensão, sobretudo aqueles ligados à educação patrimonial, tendo sido um deles contemplado com o Prêmio Loureiro Fernandes, promovido pela Sociedade de Arqueologia Brasileira, em 2007. Foi autora de livros, capítulos e artigos em periódicos, versando sobre a arqueologia e o patrimônio em Minas Gerais. Sua contribuição à Sociedade de Arqueologia Brasileira teve início em 2005, quando assumiu a Comissão Editorial da Revista de Arqueologia. Seu incansável trabalho levou à atualização e incremento da qualidade do periódico. Em 2007 foi eleita Tesoureira da SAB, mas seu trabalho jamais se resumiu a esse cargo. Ana Paula tinha verdadeira preocupação com tudo o que dizia

respeito à SAB, agindo sempre dentro de preceitos éticos e com a energia e vitalidade que lhes eram peculiares. Ana Paula foi uma das principais articuladoras da formação do Núcleo Regional Sudeste da SAB, do qual foi coordenadora dedicada entre os anos 2009 e 2011. Pesquisadora inteligente, criativa, dedicada, meticulosa e incansável, Ana Paula se destacou não só por sua atuação científica na pesquisa, ensino e extensão, mas também por seu compromisso social enquanto profissional. Temos certeza de que, com tantos trabalhos publicados ao longo de sua carreira, precocemente interrompida, continuará inspirando novas gerações de arqueólogos. Esperamos que as tantas sementes que ela plantou deem muitos frutos e que através de seu legado ela permaneça entre nós.

Denise Pahl Schaan e Marcia Bezerra
Diretoria da SAB - Gestão 2007-2009

DORATH PINTO UCHÔA



“- Paulo! Não se esqueça de pegar o nível, o tripé e os cadernos de campo!” Parece que estou ouvindo o “toc toc” dos passos firmes e a voz forte da “Dorinha”- como era chamada a Profa. Dorath Pinto Uchôa pelos mais próximos- nos corredores dos laboratórios de arqueologia do MAE- USP. O lembrete era referente aos equipamentos e materiais que estavam sendo meticulosamente separados para mais um dos cursos de campo que ela ministrava todos os anos na Ilha do Mar Virado, no Litoral Norte de São Paulo. Ano após ano, alunos da pós graduação em Arqueologia foram iniciados nas técnicas de escavação em um sítio arqueológico, além de praticar o trabalho em equipe, a disciplina de uma boa documentação e a importância da preservação das informações coletadas.

Dorath Pinto Uchôa, geógrafa, formada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, iniciou sua carreira de Arqueóloga ao prestar concurso público , em 1963, para o cargo de Pré-Historiadora no antigo Instituto de Pré História , hoje, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, juntamente com Caio Del Rio Garcia, que se tornou a partir daí seu parceiro inseparável nas diversas pesquisas realizadas até 1988 quando este se aposentou. Inicialmente, sob a Coordenação de Paulo Duarte, Diretor do IPH na ocasião, e de quem herdaram o trabalho sistemático e meticuloso da escola francesa, iniciaram os estudos em sambaquis do Litoral Paulista. Com a aposentadoria de Paulo Duarte, assumiram a coordenação das pesquisas, publicando diversos trabalhos de sínteses e análises comparativas e se tornando, posteriormente, pioneiros e referências em suas áreas de atuação.

Nas décadas de 70 e 80, além das pesquisas desenvolvidas nos sítios arqueológicos de Piaçaguera e Tenório na Baixada Santista e no Litoral Norte do Estado de São Paulo respectivamente e nos Sambaquis Cosipa 1,2,3 e 4 na Ilha do Casqueirinho, também na Baixada Santista, iniciaram um estudo de área, fazendo o levantamento e cadastramento dos sambaquis situados na Baixada Cananéia -Iguape.

Trabalhando juntos, trilhando a carreira acadêmica lado a lado, mesmo assim cada um seguiu seu caminho. Caio dedicou suas pesquisas aos estudos da Zooarqueologia e Dorath se preocupou com as

práticas funerárias, constituição física e hábitos de vida dos ocupantes dos sítos arqueológicos. Defendeu a dissertação de mestrado em História pela USP em 1972 e se tornou doutora em Antropologia, Arqueologia e Etnologia pela USP em 1973.

Foi casada com o eminente geógrafo Azis Nassib Ab'Sáber com quem teve duas filhas, Jussara e Janaina as quais lhe deram 6 netos e dois bisnetos.

Dorath era apaixonada pelo trabalho ao qual se dedicava totalmente, apesar de mãe e avó amorosa, presente e ligada à família. De personalidade forte, seus projetos eram ambiciosos, multidisciplinares, preocupados também com a recuperação e preservação do patrimônio ambiental e cultural e envolvia além de arqueólogos, arquitetos, historiadores, biólogos, ecólogos, dentistas, médicos, físicos e outros.

Publicou diversos artigos em revistas nacionais e internacionais. Em coautoria com Marília Carvalho de Mello e Alvim fez diversos estudos de bioantropologia, traçando a morfologia do homem do sambaqui, além de suas patologias e demografia. Desenvolveu alguns projetos na área de arqueologia histórica como nas ruínas da antiga caieira na Ilha do Casqueirinho, na COSIPA, Baixada Santista e nas Ruínas do Abarebebê, em Peruíbe, ambos no Estado de São Paulo.

Fez estágios no exterior, foi professora colaboradora em outras universidades, trouxe professores estrangeiros para aprimorar o curso de pós graduação, fez convênios com diversas prefeituras para realizar pesquisas em sítios arqueológicos e exposições, orientou diversos alunos de iniciação científica, mestrado e doutorado e participou de bancas.

Foi uma das idealizadoras e fundadora da SAB juntamente com sua primeira diretoria, Pedro Ignácio Schmitz, presidente, Ondemar Ferreira Dias Júnior e Alfredo Mendonça de Souza e mais 47 arqueólogos. Ela assumiu o cargo de tesoureira, permanecendo assim por muitos anos. Mesmo indicada secretária, passando o bastão da tesouraria para outra pessoa ela era sua colaboradora, fazendo as cobranças e solicitando aos membros a quitação das anuidades para o fortalecimento da sociedade. Foi Vice Presidente da SAB no biênio 1983-85 e Presidente em 1985-87.

Vaidosa, elegante, exótica, quem não se lembra da Profa. Dorath desfilando seus “modelitos” nas reuniões e portando os famosos óculos escuros com armação branca e strass? Ou ao microfone apresentando seus trabalhos e fazendo as cobranças das anuidades com sua voz firme, forte e grossa?

A SAB era a sua “menina dos olhos”, sempre se dedicando muito, organizando ou colaborando com as reuniões bianuais. Definitivamente, a SAB guarda suas marcas desde sua origem no longínquo Seminário Goiânio de Arqueologia quando foi fundada, e seu bem querer era tanto que costumava dizer que considerava a SAB quase como uma terceira filha.

Mas sua atuação não parou aí, foi Membro do CONDEPHAAT, Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo, ligado à Secretaria de Cultura, de 1987 a 1997, ou seja, por 10 anos. Sua participação era apaixonada, responsável, não faltando a nenhuma reunião, fazendo pareceres e vistorias, como representante do MAE-USP.

Recebeu diversos prêmios e homenagens, como Arqueóloga, do Conselho Nacional de Mulheres do Brasil (2000); Homenagem do antigo Instituto de Pré-História pelos relevantes serviços prestados (1997); Medalha Governo Municipal de Cubatão, na Semana de Meio Ambiente (1996); Homenagem da Sociedade de Arqueologia Brasileira como idealizadora e criadora (1995); Medalha Martim Afonso de Souza pelos relevantes serviços prestados ao Município de Bertioga (1988).

Foi aposentada pela compulsória em 1997, entretanto, continuou desenvolvendo atividades de docência e pesquisa no MAE-USP.

Mais do que sua produção científica que pode ser consultada no curriculum ou nas diversas publicações, a intenção aqui foi traçar seu perfil, sua forma de ser e de se relacionar com as pessoas que testemunhei por quase 50 anos de convívio. Sempre gostou de trabalhar nos laboratórios, junto com seus colaboradores técnicos, em especial Paulo e Dária pelos quais tinha um carinho especial. Tinha, também, grande apreço e amizade por Silvia Maranca que se tornou sua conselheira inseparável e Gabriela Martin, amiga e companheira profissional e pessoal. No curso de campo, na Ilha do Mar Virado, que era religiosamente realizado todos os anos e ansiosamente esperado, tinha uma relação próxima e de amizade com alunos, técnicos, professores colaboradores que eram convidados. Mesmo com idade avançada e desaprovação da família, mas ainda com muita energia, fazia questão de manter o curso sem temer ficar tanto tempo isolada na ilha ou a mercê do "mar que virou" e que não permitia a aproximação de embarcação em seu costão rochoso. Muitos dos arqueólogos hoje espalhados pelo Brasil e que tiveram a sorte de conviver com ela por 20 dias, ou mais, participando deste curso, certamente tem muita história para contar. Histórias que não se repetirão, que emudeceram no dia 28 de março deste ano, com seu falecimento aos 86 anos de idade.

Silvia Cristina Piedade

IRMHILD WÜST



Irmhild Wüst, ou Irmi, como era carinhosamente chamada pelos colegas e alunos, era uma pessoa movida pela determinação e rigor em tudo que fazia. Sua carreira foi marcada por estas características até o fim.

Irmhild era de origem alemã. Chegou ao Brasil ao final da agitada década de 1960 com a ideia de contribuir de alguma forma para a diminuição das injustiças sociais em um país do terceiro mundo. Acabou estudando Serviço Social na Universidade Católica de Goiás onde se formou em 1973. Depois fez uma especialização em Antropologia de Sociedades Complexas pela UFRGS e logo começou a se envolver com a arqueologia através do programa de pesquisas coordenado por Igor Schmitz em Goiás.

Fixou-se em Goiânia onde atuou como docente e pesquisadora. Primeiro junto ao Instituto Goiano de Pré-História e Arqueologia da PUC Goiás até 1988, posteriormente permanecendo ligada ao Instituto como professora convidada, no programa do Mestrado em Patrimônio Cultural e como consultora em vários projetos de arqueologia. Depois junto ao departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, onde se tornou professora titular. Aposentou-se em 1998 por motivos de saúde, mas continuou ministrando cursos e realizando pesquisas.

Irmhild teve uma atuação intensa e decisiva na arqueologia dos povos ceramistas do Brasil Central, com estudos pioneiros na área de etnoarqueologia e grande inovação teórica e metodológica na pesquisa arqueológica. Seus extensos levantamentos regionais em Goiás e Mato Grosso, visando a reconstrução dos padrões de assentamento de forma integrada aos dados ambientais, etnoarqueológicos e históricos, transformaram de forma paradigmática nosso entendimento da ocupação humana nesta extensa região do território nacional.

De forma pioneira, Irmhild traduziu na prática as teorias advindas da arqueologia processual sobre sistemas de assentamento, introduzindo no Brasil métodos de análise espacial e de reconstrução de padrões de assentamento em arqueologia, contribuindo de forma relevante para a discussão de conceitos

como territorialidade, redes de interação e complexidade social. Sua preocupação com a etnoarqueologia não só adicionou uma dimensão histórica importante aos seus estudos, relacionando passado arqueológico e presente etnográfico, como também gerou riquíssimos dados sobre tecnologia cerâmica. Posteriormente passou a defender uma visão mais pós-processual da arqueologia, sobretudo no sentido de se construir uma arqueologia mais interpretativa, histórica e relevante para o presente dos povos indígenas.

De especial importância foram as pesquisas arqueológicas e etnoarqueológicas realizadas na Bacia do Rio Vermelho (MT), em território tradicional Bororo que permitiu Irmhild integrar os dados arqueológicos e etnográficos em uma perspectiva antropológica bastante inovadora para seu tempo. Também inovadora era sua preocupação com o estudo de cerâmicas do ponto de vista tecnológico, documentando as cadeias operatórias, como demonstra sua pesquisa com a cerâmica dos Karajá de Aruanã.

Sua extensa produção, entre artigos e capítulos de livros, teve um impacto decisivo nas futuras gerações de arqueólogos que buscaram trabalhar de forma integrada dados arqueológicos e etnográficos. Suas pesquisas foram publicadas em coletâneas e revistas internacionais, em uma época em que a arqueologia brasileira estava praticamente isolada do cenário arqueológico internacional.

De temperamento difícil e exigente, Irmhild era rigorosa ao extremo com os alunos e estagiários. No final da vida queixava-se de não ter formado alunos que levassem à frente seu trabalho. Tais queixas eram certamente infundadas uma vez que Irmhild atuou sistematicamente como professora na PUC Goiás/ IGPA e na UFG, sempre ensinando disciplinas de Antropologia, pois acreditava que o que faltava aos alunos arqueólogos era uma perspectiva mais antropológica. Ministrou também cursos especiais nas áreas de etnoarqueologia e tecnologia cerâmica, formando muitos arqueólogos hoje atuantes por todo o Brasil. Em especial, o curso de Etnoarqueologia por ela ministrado no Museu Paranaense em 1987 marcou toda uma geração de jovens arqueólogos que hoje passou a integrar a etnoarqueologia em suas agendas de pesquisa.

Mais recentemente, apesar da doença, Irmhild trabalhava ainda como consultora em diversos projetos de pesquisa arqueológica e na sistematização de cadastramento de sítios junto ao IPHAN.

A Sociedade de Arqueologia Brasileira gostaria de compartilhar com todos o reconhecimento pela excelência e pioneirismo da contribuição de Irmhild Wüst à arqueologia Brasileira e se solidarizar com seus colegas, amigos e familiares por esta perda insubstituível.

Cristiana Barreto

MARGARIDA ANDREATTA



O que falar da Margarida - da *Margaridinha*, como as pesquisadoras mais próximas chamavam-na? O que falar de Margarida face ao carinho e atenção que dela recebi ao longo de 36 anos? Foram anos escavando São Paulo, anos de orientação ao longo do mestrado e doutorado, anos de muitas conversas e muito aprendizado.

Lembro-me plenamente - e ela também fazia questão de narrar carinhosamente a meus pais - do meu primeiro dia na tão sonhada escavação arqueológica, das primeiras decapagens emocionantes, do primeiro caquinho de louça evidenciado, da primeira moeda antiga que recolhi no solo, da primeira etiqueta preenchida. Cada passo a seu tempo, sempre sob o olhar atento e zeloso da Professora Margarida.

E ela sempre altiva, sempre gentil, sempre um doce, porém dura nas horas em que o rigor se fazia necessário. Incansável, concluiu plenamente sua tarefa e missão.

A Mestre fez despertar em mim e em tantos outros colegas a paixão pela tal da Arqueologia Histórica, deixando-nos um legado único, eivado de exemplos e ensinamentos próprios, embalados em uma profunda postura ética - marcas registradas da cientista que viveu dia a dia intensa e apaixonadamente Arqueologia.

O que falar da Margarida de quem herdei a biblioteca pessoal, documentos e anotações de uma vida inteira dedicada à pesquisa?

Conversei com ela pelo telefone em meados de dezembro, enquanto encaixotava todos aqueles tesouros acumulados em seu apartamento ao longo de décadas - sala, quarto e corredores abarrotados de publicações, imagem que certamente todos orientandos dela têm registrada na memória.

Como sempre, Margarida traçava planos e mais planos para o ano novo que se aproximava. Desenhava sua vinda a São Paulo e, é claro, *incessantemente*, retomar escavações em algum lugar dentre os muitos pelos quais pesquisou.

Foi-se repentinamente em 1º de janeiro. Soube apenas no dia 5. Naquela noite dormi entristecido, embalado pelas palavras gentis de estímulo as quais ela sempre pronunciava ao me ver chateado: “não ligue Paulinho, deixem que falem. Vamos adiante. Há muito trabalho por fazer...”

Respondo: Margarida meu mais profundo obrigado. Chegou a hora de descansar um pouquinho. Você trabalhou muito por todos nós! Por toda uma vida...